



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## NGUNGA: A TRAJETÓRIA DE UMA FORMAÇÃO

Sônia Fazenda

ISERJ

soniafazenda@gmail.com

### Introdução

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si”, da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 198, p.148)

Na história, Ngunga era um menino pequeno, porém muito corajoso e de firmes preceitos éticos. Com 13 anos, enfrentou diversos desafios. Ele ficou órfão, seus pais foram surpreendidos nas lavras e mortos.

Apesar disso, ele é feliz. Possui uma virtude de não mentir, busca a verdade em todas as situações.

Segundo colocação de Freitag ”a pessoa virtuosa, boa, correta, justa é aquela que internalizou as normas vigentes em sua sociedade, transformando-as em sua segunda natureza” (FREITAG, 1996, p.38)

No desenrolar da narrativa, o menino perde seus melhores amigos: Nossa Luta (com quem vivia); União (seu professor); Chivuala que foi expulso (após briga com Ngunga) da escola pelo professor.

Os olhos de Ngunga percorrem o cenário, expiam para o interior de Angola para conhecer seus costumes, tradições, segredos, seus sofrimentos e imensa grandeza. E os aprendizados se efetuam, moldam o menino e revela o mundo ao redor.

### Percorrendo a História



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A educação e a formação inicial têm uma importância primordial, se pretendemos que o aprendizado para a vida decole de uma boa base [...]. Devemos lançar as bases de um saber sólido em todos os jovens e alimentar neles o gosto e a capacidade de adquirir novos conhecimentos – aprender a aprender – sem o que não se consegue nenhum progresso (DELORS, 2005, p.25)

Na formação do indivíduo importante destacar a obra máxima de Rousseau no campo educacional onde percebemos uma preocupação que transcende o ato pedagógico, que forma o sujeito, o autor no processo educacional do Emílio, constrói uma vertente com a formação política proposta no Do Contrato Social.

Nesse sentido encontramos em Freitag que:

Os filósofos iluministas do século XVIII, têm em comum com os filósofos gregos a defesa do indivíduo, da razão e da universalidade da natureza humana. Cada indivíduo é um representante singular da espécie humana, que potencialmente é dotado de razão. Apesar das diferenças de cor, religião, classe social, nacionalidade, existe uma natureza humana comum a todos os homens. Esses são os pré-requisitos para que se possa pensar a questão da educabilidade do homem para a razão e a virtude, ou seja, o que Sócrates definia como “sabedoria” e “justiça”. (FREITAG, 1996, p. 19)

No contexto intuimos que Rousseau parte de duas distinções formativas do homem, há um projeto de formação política, que a educação poderia dar princípio, o que já estaria nessa formação educativa construída no Emílio.

No desenrolar do romance Ngunga é questionado pelo comandante Mavinga sobre freqüentar uma escola para aprender a ler e a escrever. O autor descreve a reação ao mencionar que Ngunga ficou silencioso. Escola? Nunca vira.

— Como? Estou a ver novas terras, novos rios, novas pessoas. Ouço o que falam. Estou a aprender.

— Não é a mesma coisa. Numa escola aprendes mais. E assim vais conhecer o professor. Já viste um professor? Diz-me com que é que se parece um professor? Vais conhecer a escola. Eu parto amanhã e tu vais comigo. (PEPETELA, 2002, p.73)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Sobre a questão da escola o autor nos leva a entender que houve um convencimento, pois coloca que: “sem o saber, Mavinga encontrou o que podia convencer Ngunga. Com que se parecia um professor? Sim, precisava de conhecer o professor. Se não gostasse da escola, o seu saquito era fácil de arrumar. Vendo bem as coisas, não perdia nada em experimentar” (PEPETELA, 2002:62)

Percebemos que surgiu nesse fato um outro lado necessário à construção de seu conhecimento, ver o mundo de outra forma, estruturar um conceito de cidadania, referendado por um sentido de formação individual com fins que ressoam no social.

Na construção, a escola é apresentada como o local de instauração de estágios de desenvolvimento, de um processo pedagógico que considere e respeite as necessidades individuais do desenvolvimento do educando.

Se a escola estabelece fatores de integração do indivíduo coloca-o diante de uma moral vigente. Com base nessa indicação, Freitag pontua:

A moralidade sempre envolve uma dimensão social, como foi sublinhado pelo sociólogo francês (Durkheim). Emílio não teria consciência moral se permanecesse ‘no estado de natureza’, isolado dos seus pares. Apesar de suas reservas contra a sociedade, Rousseau tinha pleno conhecimento do caráter (também) social da consciência moral de seu discípulo. E quando dizemos social, admitimos a ensinabilidade, que por sua vez pressupõe a faculdade de aprendizagem do educando”. (FREITAG, 1996, p. 49)

Diante desse olhar, podemos dizer que a educação para a cidadania, corresponderia também a uma concepção de formação ampliada onde outros fatores contribuem, diante da narrativa do romance e no princípio de formação que almeja, principalmente no sentido que a aprendizagem promove no ser. Na realidade, o esperado é o que Freitag sinaliza: "Para Rousseau a educação tinha uma conotação essencialmente política. A formação do Emílio é uma educação para a liberdade e o exercício da cidadania". (IBID, p. 88)

Na obra Ngunga, há a colocação “ para bem defender a Revolução, que era para o bem de todos, tinham de estudar e ser disciplinados.” (PEPETELA, 2002,:73)

Na formação do educando, no desenvolvimento e busca de habilidades e competências no indivíduo, percebemos o que Freitag recorta em Rousseau o seguinte:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

(... ) “O Emílio educando terá a liberdade de descobrir, compreender e organizar o seu mundo por conta própria” (FREITAG, 1996, p. 49)

Em Geertz, complementando as pontuações encontramos que: “Idéias e crenças, já tentamos explicar, podem ser relacionadas com a realidade numa dupla forma: com os fatos da realidade ou com os anseios que essa realidade, ou a reação a essa realidade, faz surgirem” (GEERTZ, 1978, p.167)

Em todo o percurso da história, Ngunga percorre suas vivências e percebe valores ideológicos dos que com ele conviveram:

os pais, Mussango, Kafuri, Imba, Nossa Luta, Mavinga, Chivuala, União. Bons ou maus, todos tinham uma coisa boa: recusavam ser escravos, não aceitavam o padrão colonialista. Não eram como os G.E., ou o cozinheiro da PIDE. Eram pessoas; os outros eram animais domésticos. (PEPETELA, 2002: 41).

Buscando construção dentro do campo cultural, na inserção de Ngunga, verificamos que para Geertz:

a cultura não se trata de um conjunto de padrões de comportamento. Para ele a cultura é composta por teias de significados das relações e a sua análise assumindo “[...] a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (IBID,1978,p.15)

Nas teias que emergem e fazem o costume cultural, o formar, o constituir embasa o meio e produz comportamentos, como em Ngunga, que percorria as matas e tinha a natureza como companheira, ouvir era prazeroso e consolidava seu respeito pelas tradições:

Gostava de ficar nas fogueiras, à noite, ouvindo cenas de guerra. As conversas eram sempre as mesmas: a guerra. Contavam-se episódios velhos ou novos, conhecidos ou não. E todos riam ou batiam palmas ou suspiravam de tristeza. Muitas vezes se falava no Comandante daquele esquadrão, o camarada Mavinga. Todos recordavam a sua coragem e decisão. Mas havia guerrilheiros que diziam que Mavinga tinha um defeito: pensava demais nele mesmo. Ngunga queria conhecer o Comandante. Para ele o defeito de Mavinga não era grave. Qual era a pessoa grande que não era egoísta? Nossa Luta. Mas estava morto, como os seus pais, como a velha Ntumba.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

(PEPETELA,2002, p.55)

Para Geertz, a cultura é composta pelo ethos e visão de mundo, que formam os valores, as construções e práticas que se consolidam sucessivamente na organização da vida social. Diz ele:

Como abelhas que voam apesar das teorias da aeronáutica que lhes negam esse direito, provavelmente grande maioria da humanidade está retirando continuamente conclusões normativas a partir de premissas fatuais (e conclusões fatuais a partir de premissas normativas, pois a relação entre o ethos e a visão de mundo é circular) [...] (GEERTZ,1978, p.158)

Aspectos culturais são pontuados na narrativa, é destacada a importância da participação do coletivo em todos os eventos; o conjunto de pessoas é solidário e parceiro tanto na preparação dos alimentos quanto nas atividades revolucionárias que se sucedem. Há o direito que todo visitante possui de participar de uma festa; o respeito descrito à fala dos mais velhos; e, acima de tudo, a articulação da reunião comunitária como espaço de escuta, de troca de informações.

Na construção acerca da cultura e seus domínios, encontramos em Chauí o seguinte:

Uma última observação acerca do uso da expressão ‘cultura do povo’ concerne ao risco que poderemos correr se a encararmos romanticamente, isto é, se considerarmos que a cultura, por ser do povo, é imediatamente libertadora. O romantismo pode prestar serviços inestimáveis aos dominantes, seja porque atribui a este último a origem do desmantelamento da consciência de classe dos dominados, que, sem ele, teriam feito o caminho da libertação. Ora prestando serviços ao populismo, ora lastimando tê-lo deixado destroçar a autonomia da luta dos dominados, a atitude romântica é vítima de dois esquecimentos: não só esquece o problema da alienação e da reprodução da ideologia dominante pelos dominados, como também esquece de indagar se, sob o discurso ‘alienado’, submisso à crença nas virtudes de um poder paternalista, não se esconderia algo que ouvidos românticos não são capazes de ouvir. (CHAUÍ, 1982, p. 46)

A aprendizagem, a formação se compõe nesses momentos e Ngunga está atento aos costumes de sua gente, de sua terra. Observa comportamentos, principalmente



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O que julga inadequado, como do Presidente Kafuxi, registrando sua decepção:

Lá estava ele sentado ao lado do Responsável do Setor e de outros mais velhos. Quando falava, os outros guardavam silêncio. Mas, se eram os outros a falar, ele gostava de interromper, o que era contra os costumes. E os outros aceitavam. –Se eu fosse grande, também interrompia a conversa do teu pai – disse ele a Imba. Ela olhou-o muito espantada, porque não percebeu a razão das palavras. Mas acreditou que ele fosse capaz de o fazer. (PEPETELA, 2002, p.19)

Procurando entender as estruturas de significado dispostas em forma de teia, nas quais os próprios homens criam e nela estão sempre imersos, Geertz (1978) busca em suas etnografias ou descrições densas o que são os valores e como eles atuam, sem separar aspectos objetivos dos subjetivos da vida.

Nessa construção a percepção é que a cultura é posta como sendo um processo de troca, de intercâmbio entre indivíduos, grupos e sociedades, um processo em movimento.

Tal processo é mola mestra constante no processo de aprender, de moldar, de tecer ideologia, de formar competências para intuir.

E Ngunga se formava no kimbo do Presidente Kafuxi, teve competência para perceber a exploração, o forjar da mentira e a pertinência do egoísmo. O que percebera revelou com firmeza e muita coragem, e, também observou que nem sempre as palavras são as armas mais eficazes. Portanto:

Ngunga não falou. Começava a perceber que as palavras nada valiam. Foi ao celeiro, encheu uma quinda grande com fubá, mais um cesto. Trouxe tudo para o sítio onde estavam as visitas e o Presidente Kafuxi. Sem uma palavra, poisou a comida no chão. Depois foi à cubata arrumar as suas coisas. (PEPETELA 2002, p.45)

Nos pontos das redes que se tecem no cultural um poder que estrutura o meio como ressalta Geertz ao afirmar:

A cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles (os símbolos) podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (GEERTZ, 1978, p.24).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Dentro desse modo estabelecido, podemos concluir que a cultura é um fenômeno social, cuja gênese, suporte de manutenção e transmissão estão efetivamente a cargo dos atores sociais. Entretanto, as leituras, os significados das inserções sociais são construídos pelo grupo, pelas próprias pessoas nas relações do cotidiano. Os sujeitos sociais são tanto portadores quanto criadores de significados ideológicos dominantes.

Para Geertz (1978) "a ideologia é entendida aqui como um sistema simbólico interagente de padrões de significados articulado".

Em Ngunga fica destacado como as pessoas representam face ao dominador o compromisso com esses significados e seus vínculos com a ideologia. Pode-se dizer da existência de uma crença amplamente compartilhada de que a ação, a responsabilidade da aplicação dos seus direitos, da defesa de seu território e preservação cultural.

A luta contra o domínio, a territorialidade, os valores, os direitos, vigoram e revigoram independentemente de sua perspectiva e apresentam-se com estrutura estratégica na consciência do indivíduo como realidades concretas.

A cultura para Geertz é caracterizada como aspectos do cotidiano de um grupo que poderão ser apreendidos por uma descrição densa:

uma delas é imaginar que a cultura é uma realidade superorgânica" outocontida, com forças e propósitos em si mesma, isto é, reificá-la. Outra é alegar que ela consiste no padrão bruto de acontecimentos comportamentais que de fato observamos ocorrer em uma ou outra comunidade identificável – isso significa reduzi-la. (...) a cultura é composta de estruturas psicológicas por meio das quais os indivíduos ou grupos de indivíduos guiam seu comportamento. (GEERTZ, 1978, p. 21)

Ngunga é o caminhante, a percepção da ideologia reinante necessita ser conhecida para ser vencida "Houve uns dias com um bocado de fome, porque os colonialistas tinham destruído as nossas lavras. É preciso ir longe buscar comida. Mas agora nossas lavras estão a começar a produzir e a situação vai melhorar." (PEPETELA, p.2002)

## **Formação do Indivíduo**



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver em conjunto (Delors, 2005, p.08)

De um modo geral a educação é fundamentada em um contexto elaborado pelo social e apresentada como forte instrumento para o processo de formação de indivíduos.

Sabemos da importância e contribuições deixadas por pensadores e estudiosos dos séculos passados às descobertas e desafios propostos pelos conflitos contemporâneos, as transformações ocorrem e o desenvolvimento e evolução também provocam novos valores na sociedade e, conseqüentemente, no homem, pois estão intimamente articulados meio, comportamentos e sistemas vigentes. Essas ocorrências vertem em verdadeira mudança de posturas e concepções político-filosóficas e educacionais.

A palavra Educação tem sua origem nos verbos latinos educāre (alimentar, criar), com significado de algo que se dá a alguém. Educāre expressa a idéia de conduzir para fora, tirar, sair. Nesta concepção, educação representa um ato de desenvolver, de dentro para fora, algo situado no indivíduo. Desta forma, do ponto-de-vista semântico, o conceito de educação abriga, nas origens, uma contradição na medida em que possui, sob uma mesma raiz, sentidos diferentes.

O sentido de educāre transmite idéia de algo externo que é acrescentado ao indivíduo, procurando dar-lhe condições para seu desenvolvimento. Educāre, indica a liberação de forças que estão latentes e dependem de estimulação para seguirem.

Os dois sentidos têm, historicamente, fundamentado teorias e prática pedagógica de tal modo que podemos inferir que os conceitos de educação tradicional e de educação nova estão impregnados desta ambigüidade semântica. A educação tradicional tem entre seus importantes componentes, o fato de que os grandes problemas estão voltados para o programa, para a disciplina, para o professor, caracterizando assim, algo exterior ao aluno.

Este sentido tradicional se aproxima do significado do educāre. A educação nova tenta centrar suas preocupações no educando, investigando e examinando as formas pelas quais se dá o processo de aprendizagem, que é algo individual. O aluno, com suas peculiaridades e seu ritmo de desenvolvimento, é ponto referencial para as ações educativas. A educação nova se identifica, portanto, com o sentido educāre.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

De acordo com o sentido educare, todos os referenciais de educação preocupados em acrescentar algo ao indivíduo, com o objetivo de moldar comportamentos, valores, etc., visando modelos pré-definidos, podem ser classificados de tradicionais. A educação tradicional diz respeito a um estilo consagrado graças à sua persistência no tempo, sendo ponto de referência para todas as abordagens que se seguiram.

O conceito de educare, ou seja, retirar de, fazer sair, tem como uma de suas idéias, a de que o educando é o centro de todo processo educativo, onde os limites da educação são as possibilidades e potencialidades do aluno, do aprendiz.

A amplitude desses fatores fundamenta o que Freire comenta:

O que eu nego não é a diretividade da educação. O que eu nego é que conhecimento se transfira ou se transmita de um sujeito a outro que, no caso, receberia passivamente o “presente” que lhe foi feito. Conhecimento se cria, se inventa, reinventa, se aprende. Conhecimento se faz... Aprender conteúdo passa pela prévia apreensão do mesmo. (FREIRE,2001, p.120)

No processo pedagógico deve existir a ligação compreensiva do conhecimento da vida cotidiana com as estruturas sociais da época, precisamos vincular níveis de experiências, que se encontram geralmente na consciência dos indivíduos.

Para Freitag :entre Literatura e Educação há uma relação de parentesco (1994, p.66),

A obra *Emilio*, de Rousseau, é considerada por alguns autores o mais acabado do romance que narra formação, pois o autor apresenta todo o percurso em que se forma o caráter ou a personalidade do Emílio, desde o seu início, aos dois anos de idade, até os vinte e cinco anos, quando, segundo o autor, Emílio está formado e pronto para ocupar seu espaço na sociedade.

Percebemos que em Ngunga, Pepetela busca como integrante dessa formação a consciência de mundo.

A consciência implica desse modo, na hipótese de que ela é uma tomada de posição diante do mundo. Em outros termos, a consciência é abertura para conectar os sentidos no mundo. Nela nada existe senão um atirar-se para conhecê-lo, observar e perceber, ganhando com isso a visão de mundo.

A educação de nenhuma forma é um ato neutro, está repleta de interesses e de valores próprios da cultura de cada contexto social, e dos diversos momentos históricos vividos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Na sociedade atual, mais flexível e instantânea, requer uma educação humanística, com uma dimensão ética que reporte a contemporaneidade. Deve ser construída sobre valores e ideais que transpasse o conhecimento que se insere nas esferas do poder saber, do pensar e do julgar reflexivamente.

Em Ngunga, notamos que o autor converge a personagem para a aprendizagem no sentido de uma educação que acontece na relação de tornar-se humano, tornar-se pessoa, sendo uma via permanentemente voltada para a realidade da vida. Ele fornece a personagem os alicerces de construção para uma educação contextualizada. Dos meandros apresentados no romance Ngunga, constata-se que não é possível reestruturar setores de uma sociedade numa dimensão

Que não seja também ética.

A educação abre caminhos para a liberdade humana enquanto possibilidade concreta nas ações e escolhas. Ela sana algumas necessidades e impulsiona fatores de transformações, de angústias e questionamentos. Muitas das vezes, a educação é tida como via de crescimento e utopia.

Nesse sentido Freitag menciona:

O homem somente pode vir a ser homem através da educação. Ele não é outra coisa senão o produto de sua educação. E cabe mencionar que o homem só pode ser educado por homens, que por sua vez foram educados. Por isso a ausência de disciplina e instrução em certas pessoas faz delas maus educadores de seus educandos (FREITAG,1994, p.22)

Para Pepetela a educação de Ngunga, na verdade aparece como a esperança, como um elemento constituinte do novo paradigma de desenvolvimento que se espera para um povo, uma construção cidadã, que contempla o indivíduo na sua totalidade e que se solidifique possibilitando a realização pessoal. Isso, com certeza iriam elevar a melhoria de qualidade de vida para todos. Verificamos dessa forma que ela é vital para romper com a histórica dependência, contra o domínio e a supremacia cultural. A educação, por conseguinte, formaria os espaços que consolidam noções e ações democráticas, com viés autônomo, soberano e de caráter solidário.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Um homem tinha nascido dentro do pequeno Ngunga. Na narrativa, o autor menciona que a história de Ngunga lhe foi contada por várias pessoas, nem sempre da mesma maneira. Ao finalizar, insere:

aos pássaros de que Ngunga tanto gostava, perguntei: - Como se chama agora o Ngunga? Responderam que estavam a dormir naquela noite em que Uassamba murmurou a palavra ao ouvido dele. Não consegui pois saber o novo nome de Ngunga.

Nem sequer descobri quando se passou a última chinjanguila a que Ngunga assistiu, a chinjanguila da noite do desaparecimento. Segundo umas informações, teria sido em 1968. Segundo outras, em 1969 (PEPETELA, 2002, p.170)

## Referências

ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, R.J. Vozes, 2000

DELORS, J. **Educação para o século XXI**. Org. Jaques Delors – Porto Alegre: rtmed,2005

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2001

FREITAG, B. **O indivíduo em Formação**. São Paulo - SP: Cortez Editora. 1996

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro - RJ. Zahar Editores. 1978

PEPETELA. **As Aventuras de Ngunga**. Lisboa. Dom Quixote. 2002